



A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE ADAPTADO

Isabela Rodrigues Da Cruz¹
Pedro Fernando Ferreira de Brito²
Ieda Mayumi Sabino Kawashita³

RESUMO

A inclusão é muito discutida nos dias de hoje, e sempre buscando formas para que a mesma aconteça. O presente trabalho busca obter o quanto de acesso pessoas com deficiência têm ao esporte, além disso, se suas famílias acham importante a prática do mesmo, se conhecem ou já ouviram falar sobre a bocha paralímpica antes da realização do projeto e o que esse pode proporcionar ao seu filho. Para realização do trabalho foi realizado um questionário semiestruturado, este foi respondido pelos pais dos alunos participante do projeto. Diante dos resultados vimos que todos tiveram muito pouco acesso ao esporte e desconhecimento sobre a bocha. Por fim olham para o projeto de modo muito positivo. Palavras chaves: Esporte adaptado, inclusão social, Bocha Adaptada.

INTRODUÇÃO

Segundo Cardoso (2011), após a Segunda Guerra Mundial e 1870, pessoas com deficiência auditiva já tinham oportunidades para participar das práticas do esporte adaptado, onde teve início nas escolas especiais dos Estados Unidos. Após a Segunda Guerra Mundial (1945), o esporte adaptado teve um impulso, com a volta dos soldados feridos para seu país de origem, com amputações, distúrbios motores, visuais e auditivos. Segundo o autor, o governo disponibilizou fora da área hospitalar, práticas do esporte e atividade física adaptada para que melhorasse a qualidade de vida e a inclusão social dos soldados acidentados.

Deu início através das reabilitações, para os soldados que voltaram da Segunda Guerra Mundial,

a prática de atividades competitivas pelas pessoas com lesão medular e outras deficiências similares servia como elementos motivadores para uma interação com o ambiente não hospitalar, dando auxílio também além do fisiológico, o psicológico dos soldados (PICULLI, 2016).

A inclusão de pessoas com deficiência ao esporte vem sendo muito escassa, embora nos dias de hoje, termos uma maior discussão sobre o tema, ainda assim,

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Campus Muzambinho. efrodrigues_isa12@hotmail.com

2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Campus Muzambinho. pedro.fernando1995@gmail.com

3 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Campus Muzambinho. iedamsk@gmail.com

muitas vezes, essas pessoas são excluídas, ou vistas como incapazes. (AZEVEDO; BARROS, 2004).

Neste cenário, a inclusão existe para que o indivíduo possa ser parte efetiva, do que a sociedade e o governo oferecem, valorizando a diversidade, respeitando o que cada um pode oferecer. Concorde-se com Mello et al. (2007) que não é questão de estabelecer privilégios, mas garantir a igualdade de oportunidades para as pessoas com deficiência.

Compactua-se com Azevedo e Barros, (2004) quando bordam que, a autonomia de renda, o desenvolvimento humano, a qualidade de vida e equidade devem ser respeitados para as pessoas com deficiência, uma vez que, “o desenvolvimento humano é a possibilidade dos cidadãos desenvolverem seu potencial intelectual com menor grau de privação, ou seja, usufruir coletivamente do mais alto grau de capacidade humana”.

No Brasil o esporte adaptado teve seu início nos anos de 1950, por iniciativa de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, ambos com deficiência física e buscavam no esporte a reabilitação, no caso a modalidade era o Basquete. Fundaram nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo associações esportivas denominadas, Clube do Otimismo no Rio de Janeiro (Almeida) e Clube dos Paraplégicos em São Paulo (Del Grande), onde em 1959 os clubes tiveram seu primeiro confronto oficial, marcando assim o início das competições paralímpicas (ARAÚJO, 2011).

Segundo o autor até o ano de 1988 o desporto paralímpico acontecia de forma esporádica, sempre com a participação do da Secretaria de Esportes do Ministério da Educação e Cultura - SEED/MEC. A prática do esporte adaptado foi incrementada no final de 1980, neste contexto observa-se o preconceito sobre o assunto que pode indicar o porquê foi iniciado tão tarde no país. A pessoa com alguma limitação físico-motor, sensorial ou mental é incluída nas atividades adaptadas e recreativas, trabalhando além do físico, o psicológico da pessoa (AZEVEDO; BARROS, 2004).

Benfica (2012) descreve os benefícios do esporte adaptado, que são: melhoras no físico, como ganho de agilidade e força muscular, manejo da cadeira de rodas, do condicionamento cardiorrespiratório e coordenação motora, também proporciona o aumento da autoestima, a autonomia e independência para realizar o movimento da prática, melhoria na confiança e imagem corporal, integração social (BENFICA 2012).

Concorde-se com a autora que, falar somente do ganho de melhoria de vida não é o suficiente, o apoio familiar também torna essencial, que afirma “o apoio familiar no momento da iniciação esportiva demonstra ser importante, tanto no aspecto financeiro, relacionado à compra de materiais e transporte quanto no aspecto emocional” (BENFICA, 2012, p. 67). Que também cita que o auxílio emocional é uma das ferramentas mais importante para trabalhar no esporte adaptado, seja no início e ao longo da prática, tornando a fonte de estímulo para que seus filhos possam alcançar e desenvolver a prática do esporte adaptado.

O esporte paralímpico atende também pessoas com deficiências severas, como a modalidade da bochaparalímpica, que segundo Picolli (2016, p. 73), “A bocha, em 1970, foi adaptada com o intuito de atender as pessoas com deficiência que

apresentavam um grave comprometimento motor, sendo este esporte direcionado inicialmente apenas para pessoas com paralisia cerebral”, sendo incluso também pessoas com um grau elevado de deficiência motora.

As modalidades são divididas em quatro classes funcionais, sendo elas BC1, BC2, BC3 e a BC4. E segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB, as modalidades são representadas em BC1 tem a opção de ter um auxiliar no jogo, a BC2 não pode receber assistência, a BC3 possui deficiência muito severa, usam instrumentos auxiliar (calhas), podendo ser ajudados por outra pessoa, e por fim a BC4 que possuem outras deficiências severas, mas que não recebem assistência. No jogo é permitido o uso das mãos, dos pés e do instrumento auxiliar para a classe BC3.

Ainda sobre as regras do jogo, Piculli (2016) ressalta que,

O jogo pode ser disputado na forma individual, em pares ou em equipes. Uma partida consiste na disputa de 4 parciais, sendo lançadas 13 bolas em cada parcial, assim divididas, 1 bola branca, ou bola alvo, 6 bolas vermelhas e 6 bolas azuis. O jogo deverá ser disputado em uma quadra plana e lisa, com as delimitações de 6m x 12,5m. O objetivo do jogo é ter as suas bolas de cor mais próximas da bola branca antes da primeira bola do adversário (PUCULLI, 2016, p.74)

A bocha paralímpica é o esporte adaptado que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - ISFULDEMINAS, Campus Muzambinho, oferece nas APAES conveniadas, dando oportunidade para as pessoas com deficiência possam participar do projeto de Educação Física Adaptada do curso de Educação Física (PROEFA). Em relação ao aspecto financeiro, os alunos participantes não têm esta preocupação, o projeto é gratuito, oferecendo alunos bolsistas e voluntários para levar a prática aos alunos das instituições atendidas, e também transporte para que os alunos possam ter oportunidade para ter viagens técnicas, para conhecer outros locais, e outras pessoas, aumentando assim, a socialização desses alunos participantes.

O presente trabalho busca inferir, quanto ao acesso pessoas com deficiência têm ao esporte, além disso, se seus pais acham importante a pratica do mesmo, saber se conhecem ou já ouviram falar sobre a Bocha Paralímpica antes da realização do projeto e o que este pode proporcionar ao seu filho.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa e de pesquisa ação, aplicado em uma das APAE do Sul de Minas Gerais. Como instrumento foi utilizado questionário semiestruturado, elaborado pelo PROEFA, aplicado com os pais ou responsáveis pelos de dez alunos atendidos nesta unidade. Os alunos atendidos têm idade média de 8/70 anos que estavam iniciando a participação de um projeto realizado na APAE, que utiliza da Bocha Paralímpica como objeto de estudo.

O questionário aborda a pratica esportiva dos respectivos filhose o conhecimento dos pais sobre a bocha paralímpica. As questões presentes no questionário foram:

- Você acha importante a pratica de esporte para seu filho (a)? Por que?
- Seu filho (a) já praticou alguma modalidade esportiva? Se sim, qual?

- Seu filho (a) tem vontade de praticar alguma modalidade esportiva? Se sim qual?
- Você tem vontade de que seu filho pratique alguma modalidade?
- Antes do projeto iniciar, você já tinha ouvido falar sobre a bocha paralímpica?
- O que você acha que a bocha pode proporcionar para seu filho (a)?

É importante ressaltar que o questionário foi aplicado pela assistente social da APAE, onde o pai e filho estavam presentes no momento. Esta opção foi escolhida por se tratar de uma instituição onde, a técnica (assistente social), tem uma maior proximidade das famílias, contribuindo de forma positiva com a pesquisa.

Após os questionários serem respondidos, foi feita uma análise das respostas para assim observar realmente o acesso dessas pessoas ao esporte e o conhecimento sobre a Bocha Paralímpica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira questão, onde se perguntou sobre a importância do esporte para seus filhos que possuem deficiência, 100% afirmam que o esporte realmente é importante. Como nestas falas:

P5: “Sim. Porque através do esporte temos o desenvolvimento físico, além de ocupar a pessoa, que pode ter um estado depressivo quando não tem atividade para desenvolver”.

P6: “Sim porque ajuda no desenvolvimento, e o mostra que é capaz de fazer algo com seu próprio esforço”.

É importante destacar a resposta onde diz: “o esporte mostra que é capaz de fazer algo com seu próprio esforço”, aqui vê-se a questão onde muitas pessoas ainda não acreditam na capacidade dessas pessoas, não dando oportunidade a mesmas, neste caso a mãe acredita em uma forma onde seu filho consegue ter autonomia.

Corroboram com estas afirmações Sena et al que discutem os benefícios que a prática da bocha oportuniza a este público,

[...] a prática desportiva deve contribuir - como todas as outras ações educativas - para reabilitação, para o desenvolvimento máximo das capacidades que o indivíduo possui. O desporto deve ser sobre tudo gratificante para quem o pratica. A pessoa com deficiência necessita não só conhecer o seu corpo, mas também gostar dele, isto é, de viver com o máximo de êxito possível as suas experiências corporais e, assim, deixar de ver o corpo como um repositório de frustrações (SENA et al, 2014).

Na segunda questão, que tratava sobre a participação em alguma modalidade esportiva, 78% dos pais responderam que os filhos nunca participaram de nenhum esporte. 22% responderam que os filhos já participaram de algum esporte e citam, natação, tênis de mesa.

Assim pode-se ver claramente a falta de oportunidade dada aos alunos, embora a APAE dê algumas atividades para buscar a inclusão, nem todos participam, muitas vezes por falta de uma atividade de fato adaptada para este público. Nossa vivência, nas instituições especiais têm nos mostrado que a prática desportiva não atinge

todos os alunos, pois os que têm maiores dificuldades físicas associadas a outras deficiências, na maioria das não participam de nenhum esporte.

Na questão número três, 33 % responderam que o filho não tem vontade de participar de nenhum esporte e 66% responderam que seus filhos têm vontade de praticar algum esporte. As opiniões podem ser divididas nas duas situações:

P8: Não, o meu filho não fala! Eu acho que ele não tem noção do que é esporte!
P2: Tem sim muita vontade, mas ela é cadeirante tudo depende da ajuda da mãe.

Observa-se as dificuldades das famílias quando as limitações de seus filhos são acentuadas, desde a questão da comunicação a realização de tarefas ou ações mais simples. Acredita-se que os esportes paralímpicos são possíveis de serem ensinados e praticados, entretanto, esta possibilidade não é respeitada pelas pessoas que os atendem. Compreendemos que este trabalho exige adaptação das modalidades, empenho dos professores, maior tempo de aula e número reduzido de alunos por turma. As aulas de educação física dentro das escolas especiais, no nosso ponto de vista, deveriam ser estruturadas para de fato atender a todos.

Benfica (2102) relata em seu trabalho sobre a falta de acessibilidade e as dificuldades encontradas por pessoas com deficiência para a prática esportiva e chama a atenção sobre seus direitos,

[...]as inúmeras restrições provocadas pela falta de acessibilidade, aspecto discutido mais adiante. Porém, é preciso esclarecer um ponto levantado pelo atleta. Essa ausência de estrutura física, espacial e de materiais adaptados necessários para o livre acesso das pessoas com deficiência, nos diversos locais sociais é um desrespeito ao direito do cidadão. A transgressão desses direitos, associada ao desconhecimento das pessoas geram julgamentos equivocados de que as pessoas, por terem uma deficiência, não são capazes de frequentar tais espaços, quando na verdade é a sociedade que não lhe proporciona condições para tal (BENFICA, 2012, p.87).

Na questão número quatro, 78% dos pais não conheciam a bocha antes que seu filho praticasse, 22 % disseram já conhecer a bocha, como relatam:

P9: Não, nunca tinha ouvido falar!

P4: Sim, pela televisão.

Pontua-se que os pais têm consciência da importância da atividade física para seus filhos e têm os mesmos desejos de pais com filhos sem deficiência.

Nesta questão, cabe ressaltar o papel da mídia e sua relação com o esporte paralímpico, observa-se que estes vão veiculados somente em época de competições, principalmente as internacionais, como observa Benfica (2012):

Embora a divulgação midiática de Jogos Paralímpicos de Atenas tenham contribuído para que alguns atletas conhecessem e se tornassem praticantes do esporte paralímpico, a divulgação midiática, principalmente televisiva, do mesmo ainda é muito pequena perante a grandiosidade do Movimento Paralímpico. Essa baixa visibilidade, concedida pela mídia, é uma das preocupações dos atletas, pois pode dificultar a disseminação do paradesporto e, conseqüentemente, a construção de novas parcerias entre atletas, equipes paralímpicas e empresas patrocinadoras (BENFICA, 2012, p.68 e 69)

Já a questão cinco, faz referência ao conhecimento dos benefícios que a bocha paralímpica pode proporcionar, 100% dos pais acreditam que a bocha pode proporcionar algum tipo de melhora no seu filho, sendo estas desde física até psicológicas.

P4: Acho bom em tudo pra mente dela, para alongar, para se sentir menos inferior, ela precisa sentir que ela não é menor que os outros.

P5: Desenvolvimentos, físico, intelectual, além de proporcionar maior prazer em frequentar a APAE.

Ressalta-se a importância das instituições que atendem as pessoas com deficiência em orientar as famílias e buscar sempre novas alternativas para a inclusão dos mesmos.

A percepção dos pais em relação a modalidade se faz correta, apesar do não conhecimento da modalidade, como destaca Alves e Cruz sobre os benefícios da bocha:

O jogo coletivo e individual é uma situação privilegiada para o aproveitamento de cada um conforme as suas possibilidades com vista à execução de uma tarefa que dá identidade ao indivíduo. Assim a aprendizagem de gestos técnicos deve ser acompanhada ou precedida (conforme os níveis etários) por um trabalho centrado nas aptidões psicomotoras, nomeadamente (imagem corporal, organização do tempo e do espaço, coordenação perceptivo-motora). (ALVES; CRUZ)

A última questão procura saber dos pais o que esperam do projeto, as expectativas citadas foram muito positivas, pois todas esperam que haja melhoria tanto física quanto psicológica e que a bocha seja uma atividade prazerosa, trazendo felicidade aos mesmos.

P8: Para uma vida melhor, com oportunidades, porque nossos filhos por serem portadores de alguma deficiência não tem muita oportunidade, que são essas que estão tendo agora com vocês profissionais, e isso é muito bom!

Pode dizer que, hoje em dia a inclusão da pessoa com deficiência ainda tem suas barreiras, os próprios alunos falaram que nunca tiveram experiência no esporte antes do projeto. E que a prática pode trazer bons benefícios, seja físico ou emocional, como foi falado na introdução deste trabalho, e pela fala dos pais.

Concorda-se com Benfica (2012) quando ressalta que a prática esportiva pode alterar a visão da sociedade frente as pessoas com deficiência e conclui que,

Através da prática de atividade física, seja ela de iniciação ou de alto rendimento, a visão de piedade, incapacidade e inutilidade acerca da pessoa com deficiência, pode ir aos poucos, sendo transposta pelo olhar cunhado na potencialidade, independência e autonomia. (BENFICA, 2012, p. 35)

CONCLUSÃO

O objetivo foi procurar saber sobre a inclusão da pessoa com deficiência no esporte, e como vimos, ainda não existe inclusão total essas pessoas.

Diante das respostas pode-se observar que o acesso das pessoas com deficiência ao esporte não é tão fácil quanto deveria ser, poucos desses alunos entrevistados

praticaram alguma modalidade esportiva, mas suas famílias compreendem a importância desta prática e o quanto pode ser benéfica.

Para nós, integrantes do Projeto de Educação Física Adaptada, fazer parte desta vivência é de imensa importância, sabemos que a inclusão das pessoas com deficiência não é grande, mas basta ir além, se cada um fizer algo para incluir na cidade em que mora o número vai diminuir no decorrer do tempo. A cada prática de bocha é visível o quanto os alunos gostam, nos que verbalizam conosco e os que pelos gestos conseguimos compreender seus sentimentos.

THE INCLUSION OF THE PERSON WITH DISABILITY IN ADAPTED SPORT

ABSTRACT: The inclusion is very debated currently, and always see forms to happen. This work propose to get the access percent that peoples with some deficiente could have on the sport, furthermore, if their familys think importante the pratice it, if know or listen to talk about the paralympic boccia before realization of the Project and wich could propose for their children. For the realization of the work was realized a questionnaire Semistructured, it was answered to the parents of the students include on project. Given the results we watch tha everybody had litle acess on the sport and unfamiliarity about boccia. Finally they look to the Project very positively.

Keywords: Adapted sport, social inclusion, bocciaadapted.

REFERÊNCIAS

ANDE. **Associação Nacional de Desporto para Deficientes**. Disponível em <<http://www.andecom.br>>. Acesso em: 15/02/2017

ARAUJO, P. **Desporto Adaptado no Brasil**: Origem, Institucionalização e Atualidade. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1997. Disponível em: <<http://unicamp.sibi.usp.br/handle/SBURI/14386>>. Acesso em: 17/02/2017

AZEVEDO, P.H., BARROS, J.F. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira Cia e Movimento**. 2004. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/10/participacao-do-estado-na-gestao-do-esporte.pdf>> Acesso em: 19/01/2017

BENFICA, D. T. M. **Esporte Paraolímpico**: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência. Universidade Federal de Viçosa, 2012. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/3473>>. Acesso em: 20/01/2017

BISFED. Boccia International Sport Federation. Disponível em <<http://www.bisfed.com>>. Acesso em: 18/02/2017

CARDOSO, MS. V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira Ciência Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun, 2011. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/716>>. Acesso em: 10/02/2017

MELLO, E. M. et al. Identidade e inclusão. **Revista Práxis- Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes**, Novo Hamburgo. 2007. Disponível em: <>. Acesso em:

PICULLI, M. **Entendendo a iniciação esportiva para o ensino da bocha paraolímpica brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas. 2016. Disponível em: <http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305352/1/Piculli%2C%20Mariana_M.pdf>. Acesso em: 17/02/2017